

# Trabalho e emancipação humana em Marx: os *Grundrisse*

ZAIRA RODRIGUES VIEIRA

*Campinas: Editora Papel Social, 2018, 168 p.*

Jadir Antunes\*

O trabalho de Zaira Vieira é um excelente debate sobre o papel do trabalho como fundamentação ontológica na obra madura de Marx, especialmente nos rascunhos preparatórios de *O capital*, os chamados *Grundrisse*, e o problema da possibilidade de uma acumulação capitalista sem trabalho ali aventado por Marx.

O mérito do livro de Zaira Vieira é o de lidar com uma polêmica que, desde os anos 1960, teima em condenar a obra madura de Marx pelo paradoxo do trabalho vivo como fundamento do valor numa época de predomínio quase absoluto do trabalho morto e o de como conciliar certas ideias e passagens dos *Grundrisse*, em que Marx alude especulativamente sobre as possibilidades de uma acumulação capitalista sem trabalho.

O livro, prefaciado pelo professor Ricardo Antunes, contém uma Introdução seguida de quatro capítulos. No primeiro capítulo, “Características gerais do trabalho”, Zaira Vieira procura mostrar a ideia básica marxista de fundamentação ontológica do homem através do trabalho e da inseparável relação entre homem e natureza.

Neste capítulo, a autora debate a importância capital do trabalho para a constituição do homem enquanto tal, das potências humanas criadoras despertadas pelo

---

\* Professor de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: jdiant@yahoo.com.br

trabalho e da fundamental relação ora de submissão ora de dominação do homem sobre a natureza e sobre suas próprias potências produtivas.

No segundo capítulo, “O trabalho no modo de produção capitalista”, Vieira avança sua investigação para o estudo do trabalho agora não mais em seus aspectos ontológicos e gerais, mas dentro da sociedade moderna e capitalista. Aqui, surge o trabalho não apenas como determinação ontológica do homem enquanto tal, mas, especialmente, a ideia fundamental de Marx sobre o trabalho nas sociedades de classe. Se o trabalho, visto em sua determinação abstrata e ontológica, era fonte de realização e liberdade, agora, em sua determinação histórica e real, é visto como fonte de alienação e escravidão para o trabalhador.

Com o trabalho moderno e assalariado, surgem a força de trabalho como mercadoria, o valor de troca como meta absoluta da produção e a indiferença generalizada dos produtores individuais por aquilo que é produzido. Com a produção moderna surge, ainda, e especialmente, o capitalista interessado pelo trabalho somente em seu aspecto fisiológico e abstrato, o aspecto formador do valor e da mais-valia.

Aqui entramos, então, no núcleo fundamental da crítica de Marx ao capitalismo e do trabalho de Zaira Vieira: se a lógica do desenvolvimento capitalista o conduz, necessária e inexoravelmente, à substituição do trabalho vivo, criador de valor e mais-valor, pelo trabalho morto, que não cria valor; se a lógica deste desenvolvimento leva ao desenvolvimento sem limites da mecânica, das ciências naturais e da matemática, da automatização do processo de trabalho, da conversão do trabalho vivo em mero apêndice desta automatização, como poderia o capital sobreviver em meio a estas condições aniquiladoras de seus próprios fundamentos e bases de existência?

No capítulo terceiro, “A emancipação humana”, Zaira Vieira procura mostrar que ao aniquilar o trabalho como fonte do valor o capital estaria aniquilando, inconscientemente, a si próprio como capital, já que a valorização do valor tem uma dependência absoluta com a atividade viva do trabalhador, produzindo, por consequência, as condições materiais necessárias para uma vida de liberdade para o trabalho para além da sociedade capitalista. A autora procura mostrar, aqui, a impossibilidade lógica do capital continuar se desenvolvendo enquanto capital, na medida em que este se contradiz radicalmente em seus fundamentos. Ao mesmo tempo, porém, em que abole a necessidade do emprego de trabalho no sentido fisiológico, o trabalho que é dispêndio de energias, sangue e músculos humanos, o capital desenvolve uma classe coletiva de trabalhadores fundada no chamado *general intellect*, uma classe altamente intelectualizada e especializada em atividades de natureza cognitiva.

Ao desenvolver cientificamente o domínio do homem sobre os fenômenos da natureza e sobre o próprio processo de trabalho, racionalizando e aperfeiçoando a lógica deste processo através da ciência e da automação mecânica, o capital desenvolve uma classe de trabalhadores cujo valor de uso não se resume mais apenas em saber como operar e manipular a máquina, mas, sobretudo, em como produzir e aperfeiçoar uma máquina cada vez mais automatizada, programada

e emancipada da necessidade de ser supervisionada pelos sentidos humanos do trabalho vivo. Este desenvolvimento operado espontaneamente pelo capital aniquilaria, contraditoriamente, as bases sobre as quais se fundamenta a valorização do valor e a acumulação capitalista e produziria as condições materiais para uma vida de completa independência do trabalhador individual em relação ao capital.

No quarto capítulo, “O debate contemporâneo”, Zaira Vieira enfrenta a difícil tarefa de debater o problema de como conciliar as especulações de Marx nos *Grundrisse* sobre a automação do trabalho e o futuro do capitalismo, com a lógica da acumulação apresentada em *O capital* e a absoluta dependência do capital em relação a uma crescente exploração da população operária, porém, em conflito com o aumento simultâneo da massa total de capital constante empregado nessa exploração. Nesse capítulo, a tarefa a qual ela se propôs foi a de enfrentar a controversa interpretação de gigantes como Postone, Habermas e Kurz em suas defesas de um capitalismo contemporâneo cuja lógica não se explicaria mais pelo trabalho e pelo valor, mas por lógicas alheias ao mundo da produção.

O brilho do trabalho de Zaira Vieira se apresenta aqui ao mostrar que tais autores, mais do que explicarem a lógica da acumulação capitalista pelo mundo da produção e do trabalho, analisam-na pela lógica do mercado e da troca. Zaira Vieira argumenta que o erro de tais autores em defender uma acumulação sem-fim de capital, mesmo em meio a um mundo inteiramente automatizado e sem trabalho, trabalho vivo, é explicado por pretenderem discutir a lógica da acumulação capitalista a partir da insuficiência teórica dos *Grundrisse*.

Segundo Zaira Vieira, o defeito dos *Grundrisse* em relação ao *Capital*, e a superioridade deste em relação ao primeiro, se explica pelo fato de, nele, Marx ainda não compreender o trabalho abstrato como resultado da produção, “a forma que possui todo trabalho sob o capitalismo” (p.57), como compreenderá no *Capital*. Postone, Habermas e Kurz, segundo Zaira Vieira, só poderiam argumentar em defesa de um capitalismo sem trabalho e de uma acumulação sem valor por terem se apoiado nesta precariedade conceitual dos *Grundrisse*, na precária ideia de um valor de troca que surge da própria troca e não do trabalho que põe valor e mais-valor no interior do mundo da produção, como aparecerá claramente no *Capital*.

Os argumentos em defesa do trabalho não somente como a condição ontológica fundamental do ser humano, mas, ainda, como a condição ontológica ineliminável do capital e da valorização do valor são concluídos com a autora mostrando que tal determinação ontológica se manteria mesmo num futuro comunista de total liberdade e independência do homem em relação ao trabalho. O trabalho agora, porém, revolucionado pelo próprio capital, não seria mais determinado pelo aspecto da fadiga e do dispêndio de energias, mas, sim, pelo seu aspecto artístico e criativo.

O imensurável valor do trabalho de Zaira Vieira se explica pelo fato de, num mundo quase totalmente dominado pelo discurso da política, da cultura e da crítica aos costumes e à moralidade, retomar teoricamente a dignidade do trabalho humano e mostrar que somente através dele poderemos avançar para um mundo abundante de vida, de riqueza e de liberdades individuais.